

A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DA MULHER NORDESTINA EM RACHEL DE QUEIROZ*

Angela Harumi TAMARU¹

RESUMO Neste trabalho, estudam-se Maria Moura e Beata Maria do Egito, personagens de Rachel de Queiroz, partindo da protagonista de estréia, Conceição, a primeira que não se casou, nem se dobrou ao destino das mulheres de sua época: forte e decidida, entrega-se aos prazeres das leituras, abdicando de sua ligação ao incompatível parceiro amoroso. Maria Moura e Beata Maria do Egito evocam uma multiplicidade de influências que as tornaram fortes e transgressoras das ordens vigentes, seja o patriarcalismo, seja a moral e virtude cristãs. Maria Moura é caracterizada como a chefe de um bando imerso no mundo do cangaço e aproxima-se da donzela-guerreira, trazendo as vestimentas masculinas e o cabelo cortado. Ao transgredir a lei, colocando-se na defesa dos perseguidos pela justiça e praticando inúmeros roubos e assassinatos, revela uma matriz maior, a da matriarca, caracterizada por ser: fazendeira, grande proprietária, destemida e dona do poder. Maria do Egito subverte a religião, entregando seu corpo como forma de continuar lutando pelo Juazeiro de Padre Cícero. Evoca uma matriz hagiográfica, a da Santa Maria Egípcíaca, e lembra as hieródulas, cortesãs sagradas do mundo antigo. São apresentadas as diversas matrizes para a concepção das personagens estudadas. Desta forma, são trazidas, quando necessárias, outras personagens da autora, como Guta, Noemi e Dora, e também D. Guidinha do Poço, de Manuel de Oliveira Paiva. São tomados da realidade vários modelos, que a auxiliaram na construção de suas personagens: figuras históricas, como a Rainha Elizabeth I; familiares, como dona Rachel e Bárbara de Alencar; matriarcais, como Dona Federalina de Lavras e Marica Macedo.

ABSTRACT *The purpose of this thesis is to study the life and times of Maria Moura and Beata Maria do Egito, both characters of Rachel de Queiroz. Our*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 27 de fevereiro de 2004, sob a orientação da Pro^{fa}. Dr^a. Enid Yatsuda Frederico.

¹ Atualmente, leciona no Instituto Superior de Educação – ISEU de Sorocaba, SP.

starting point is Conceição, the first main character, and the first one to refuse to submit to the fate of women of her time. Strong and determined, Conceição devotes herself to the delights of reading and abdicates from her liaison with a bad match. Maria Moura and Beata Maria do Egito evoke a multiplicity of influences which made them strong and turned them into rebels against the establishment – be it patriarchal or Christian. Maria Moura is portrayed as a leader of a bandit gang, resembling a maiden knight with her short haircut and her man's clothing. By breaking the law, taking the side of the convicted and committing murder and robbery, she reveals a higher nature: that of a matriarch, characterized by being fearless, a landlord, and a ruler. Maria do Egito perverts religion and offers her body as a means to keep on fighting for Padre Cícero's home town, Juazeiro. By doing so she evokes the hagiographic tradition of Mary of Egypt and recalls the hierodules, the sacred courtesan of the ancient world.

Our thesis aims at displaying the different matrixes used for the conception of the characters we analyzed and we thus refer to other characters the author created, such as Guta, Noemi, and Dora, as well as D. Guidinha do Poço, a character created by the author Manuel de Oliveira Paiva. Again, the author draws on several real-life models to create them: historical personalities, such as Queen Elizabeth I, familiar ones, such as Dona Rachel and Bárbara de Alencar, as well as matriarchal ones, such as Dona Federalina de Lavras e Marica Macedo.

A minha tese de doutorado centrou-se sobre três personagens femininas de Rachel de Queiroz: Maria Moura e Beata Maria do Egito, partindo da protagonista de estréia, Conceição, a primeira que não se casou, nem se dobrou ao destino das mulheres de sua época: forte e decidida, entrega-se aos prazeres das leituras, abdicando de sua vida amorosa. Maria Moura e Beata Maria do Egito evocam uma multiplicidade de influências, que as tornaram fortes e transgressoras das ordens vigentes.

Maria Moura é caracterizada como a chefe de um bando imerso no cangaço e aproxima-se da donzela-guerreira, trazendo as vestimentas masculinas e o cabelo cortado. Ao transgredir a lei, colocando-se na defesa dos perseguidos pela justiça e praticando inúmeros roubos e assassinatos, revela uma matriz maior, a da matriarca, caracterizada por ser: fazendeira, grande proprietária, destemida e dona do poder.

Maria do Egito subverte a religião, entregando seu corpo ao Tenente para obter a liberdade, uma vez que se encontrava presa, como forma de continuar lutando pelo Juazeiro de Padre Cícero. Evoca uma matriz hagiográfica, a da Santa Maria Egípcíaca, e lembra as hieródulas, cortesãs sagradas do mundo antigo, que se deitavam com os passantes como forma de obter fundos em prol de sua entidade religiosa.

Se Conceição é a figura central do drama vivido por personagens que lutam perante a seca ocorrida em 1915, a Beata Maria do Egito representa a figura

santificada do ambiente romeiro de Padre Cícero, sofrida e perseguida como o seu Patriarca. Ambas partilham um ideal de projeto histórico feminino de Rachel de Queiroz, em que a mulher, comumente desprezada em casa e na sociedade, é valorizada. Já em *Lampião*, a autora procurou centrar a obra na personagem Maria Bonita, companheira do cangaceiro, que abandona a pacata vida do lar e o marido para acompanhar Lampião em sua vida de banditismo. No entanto, a figura central feminina perde espaço para o líder cangaceiro, que lhe “rouba a cena”.

É somente com o *Memorial de Maria Moura*, que Rachel de Queiroz consegue vingar-se de Lampião, pois, nessa obra, haverá uma espécie de “Lampiona” que irá, numa vida de bandidagem e conquistas, concretizar o seu projeto de escritora, a ponto de afirmar-se que os problemas não solucionados das protagonistas anteriores são retomados, mais tarde, pela personagem Maria Moura, sendo ela, desta forma, uma espécie de personagem-afirmação. Mas todas as suas personagens, embora bravamente rompam com o comportamento estipulado convencionalmente para as mulheres, parecem titubear perante sua realização afetiva. Foi assim desde Conceição, a personagem inaugural. Elas sabem se impor, utilizando-se das forças que possuem, mas, não obstante, sucumbem no plano afetivo. Como a escritora concebe, então, as mulheres nordestinas? Foi este o desafio: perseguir a caracterização destas personagens femininas.

A autora pôde, ao longo de suas obras, criar a personagem Maria Moura, fazendo com que essa muito devesse às inúmeras outras antecessoras, quase todas a contribuírem, de certa forma, como ensaios à realização da última. Explicar, a partir da última, as outras personagens, ou, ainda o inverso, explicar como cada uma pôde contribuir para a representação final de Maria Moura, esse foi o projeto deste trabalho, sem deixar, no entanto, de apresentar as diversas matrizes que contribuíram para a concepção das personagens literárias. Dessa forma, são trazidas, quando necessárias, outras personagens de Rachel de Queiroz, como Guta, Noemi e Dora, assim como uma personagem literária, D. Guidinha do Poço, de outro autor cearense.

Além delas, Rachel de Queiroz parece tomar da realidade vários modelos que a auxiliaram na construção de suas personagens. Entre elas, despontam figuras históricas, como a Rainha Elizabeth I; familiares, como dona Rachel e Bárbara de Alencar; matriarcas, como Dona Federalina de Lavras e Marica Macedo. Buscando apreender o mistério de tais personalidades, a autora elabora sua própria interpretação do feminino que persegue, extraíndo recursos deste grande arsenal do romancista, que é a memória – histórias de que tomou conhecimento, seja através de narrativas orais, seja através de livros antigos, e que lá permaneceram para servir como elementos de invenção da matéria ficcional.

Participante ativa do ciclo de cultura regionalista da década de 1930, Rachel de Queiroz contribui para a construção e difusão de uma das mais bem sucedidas “identidades culturais”, a chamada “brasilidade nordestina”, que tem à frente Gilberto Freyre. Para alguns autores, essa imagem atribuída ao nordestino substitui a

importância da ordem econômica perdida com o fim da oligarquia, diante do golpe desferido pela revolução de 1930. Os seus herdeiros incumbiram-se, então, da missão de garantir a sobrevivência desse universo no plano da ficção literária.

A criação literária nordestina, sobretudo o romance, só se elucida no âmbito histórico-político se analisada à luz do projeto ideológico que lhe é subjacente: o de criar e difundir o conceito de uma região – o nordeste. Desta forma, realiza-se uma união perfeita entre modernista e regionalista, misturando elementos locais e universais, para obter a identidade nacional autêntica, avessa ao importado, estrangeiro e europeizante. Este projeto ideológico viabilizará a sobrevivência simbólica das elites agrárias destituídas do poder pela revolução.

O romance de 30 emerge preocupado em definir os vários tipos humanos e as características sociais que compunham a nação. No romance nordestino, irão se cruzar a crise de uma sociabilidade com a de uma intelectualidade tradicional, o problema individual de filhos de proprietários rurais em crise com o problema social equacionado como instância regional pela produção sociológica freyreana e toda uma produção discursiva anterior.²

Ao elaborar, como tema central, a decadência da sociedade patriarcal e sua substituição pela sociedade urbano-industrial, os autores do romance de 30 procuram aproximar-se do povo através da literatura, adotando temas e formas de expressão de origem popular como forma de denunciar as condições sociais em que viviam. Descendentes de famílias tradicionais e decadentes, esses intelectuais não estão mais comprometidos diretamente com os grupos dominantes, permitindo-se certa autonomia. O povo vive, de certa forma, marginalizado como esses intelectuais, pois ambos estão desvinculados da burguesia emergente. E a própria escolha da forma romance para falar do nordeste não é fortuita, já que se aproxima da tradicional narrativa popular.

Dentre esses autores, Rachel de Queiroz estaria junto daqueles que constroem a região como espaço de saudade, da tradição. Embora também se reporte ao litoral, o sertão é o espaço tradicional por excelência, aquele que dá originalidade ao nordeste. Para tanto, elabora obras tendo como material de invenção suas próprias lembranças, experiências, imagens, enunciados e formas de expressão conservados de uma identidade ameaçada de perder-se.

Para ampliar, então, a discussão, pode-se perceber que Rachel de Queiroz teve a preocupação, como participante do movimento Modernista, de fundar certa tradição nordestina e não apenas propalar uma já existente. E, para tanto, ao relatar fatos, memórias e lendas conhecidos na região, ela registra e, ao mesmo tempo, recria elementos a serem incorporados pela cultura própria local, pois os discursos e as práticas que inventaram o nordeste são também históricos à medida que se produzem em condições determinadas e projetam-se no futuro. Ao mesmo tempo em que criam tradições, ao inventar o passado, influenciam novos acontecimentos e

² ALBUQUERQUE Júnior, D.M. de. *O engenho anti-moderno: a invenção do nordeste*, p. 174.

fazem acontecer o presente. A história regional retrospectiva busca dar à região um estatuto ao mesmo tempo universal e histórico, espécie de restituição de uma verdade, conjunto de indícios que já denunciavam sua existência ou a prenunciavam.

Rachel de Queiroz, desde os seus primeiros escritos sob o pseudônimo de Rita de Queluz, acumulou inúmeras vitórias. Obteve consagração profissional pelo premiado *O quinze*, reconhecido pela crítica literária modernista, incluindo-se aí importantes homenagens. Com um excepcional e constante sucesso de mercado, que lhe garantiu reedições em massa e traduções em quase todos os países, por mérito, conseguiu, na grande imprensa, uma carreira independente e largamente prestigiada, que se manteve por mais de 70 anos. Teve uma atividade prolífica como tradutora, dramaturga, cronista, radialista. E, finalmente, sua vitória mais simbólica: ter sido a primeira mulher a eleger-se membro da Academia Brasileira de Letras.

Há, no entanto, certo consenso em constatar-se, hoje, uma reduzida e repetitiva fortuna crítica, considerada razoavelmente inexpressiva em relação à posição que ocupou a romancista na história da literatura nacional. Heloísa Buarque de Hollanda atenta para esse fato em sua certeira crítica à autora e opõe-no à espantosa recepção de *O quinze*, obra saudada por críticos de porte. A consolidação da carreira de Rachel de Queiroz como romancista e jornalista ocorreu durante o período de 1930 a 1960, mas, hoje em dia, pouco se escreve sobre seu valor especificamente literário, sobre sua competência na economia da linguagem, que lhe permitiu introduzir uma escrita sóbria, rigorosa, antibarroca, avessa a qualquer demagogia no moderno romance nordestino. Por que não existem estudos suficientes sobre este seu lugar tão particular no modernismo brasileiro? Ou mesmo agora, mais recentemente, quando entram em voga os estudos sobre gênero e feminismo nas letras, por que são minimizados sua escrita libertária, seu pioneirismo enquanto escritora mulher, enquanto uma profissional?³

É bem verdade que Rachel de Queiroz tornou-se figura polêmica não tanto pelo conjunto de sua obra literária, reconhecido pela crítica, mas pelas posições políticas contraditórias tomadas ao longo de sua vida: como grande parte dos escritores de esquerda, militou no Partido Comunista no início da década de 1930, porém demonstrou simpatia ao golpe militar de 1964, o que a faz sofrer um processo de “sombreamento” e de pouca estima por parte da nova geração da crítica acadêmica, responsáveis por tal laconismo.

O meu trabalho, no entanto, veio no sentido de ressaltar o grande valor da escritora em construir, através de temas como a seca, o cangaço e o fanatismo, personagens femininas que elaborassem uma imagem de mulher capaz de quebrar com as convenções estabelecidas socialmente.

Rachel de Queiroz, em sua crônica intitulada “A imagem feminina”, lamenta as figuras de mulheres feitas pelos homens, comentando sobre os escritores com

³ QUEIROZ, R. de. In: HOLANDA, H. B de, “O éthos Rachel”, *Cadernos de literatura brasileira*, p. 112.

tendência a estereotiparem as personagens femininas em boas ou más, fiéis ou infiéis e assim por diante. Resumindo-se em esposas ou prostitutas, elas não eram complexas na literatura. Se a heroína ousasse variar de amor, trair o prometido, era imediatamente castigada pelo autor, que não lhe consentia liberdade para tais assomos sem a devida punição.⁴

Continuando, ela afirma que mesmo o mais sutil dos romancistas brasileiros, Machado de Assis, só cria mulheres naturalmente tendentes para o engano, a mentira e a duplicidade. Portanto, só as muito ingênuas, as quase imbecis, são capazes de um amor fiel e leal. As outras estão sempre a oscilar entre uma mentira e um passo em falso, um pouquinho de traição junto a uma dose necessária de fidelidade. A autora conclui: o que os autores fazem é traduzir as informações que eles acham ter do eterno feminino.

A autora pergunta: se elas são criadas a partir da experiência masculina, que crédito merecem? Consta que há, mesmo, total carência da alma feminina nesta espécie de monstro indecifrável, e por isso irresistível, do que pensam dela. Com a liberalização no plano das idéias e dos costumes, a mulher permitiu-se adentrar no território dos autores, outrora exclusivamente masculino.

Essa intemperança atual tem o seu mérito. Acabaram-se os territórios fechados onde a mulher não poderia entrar. E, se há excessos porque os há, quanta coisa boa que hoje temos não seria escrita por mão de mulher, temerosa de pisar no terreno vedado dos autores masculinos. É o caso de dizer: liberdade, ainda que tarde.⁵

Rachel de Queiroz acredita numa escrita capaz de mostrar o mundo da mulher de uma ótica diferente da masculina, que sempre a posiciona como frágil e necessitada de proteção. E as marcas dessa escrita estariam principalmente num discurso que combate a convenção do feminino, numa busca de afirmação do papel da mulher, com espaço para a sua rebeldia perante o lugar em que é colocada, para o raciocínio e argumentação que viabilize melhor posição e reconhecimento. Portanto, um assunto recorrente, seja nos seus romances, peças ou crônicas, é essa conquista de espaço pelas mulheres.

Da mesma forma como são alçadas a um plano superior por conquistas sociais, estas três personagens estudadas neste trabalho se tornam inatingíveis. Vejam-se as associações a imagens alegóricas de santos conhecidos. Todas elas se dedicam a uma causa maior, que não contempla a realização amorosa. Nas duas primeiras, a relação é mais direta, pois carregam no nome a referência hagiográfica: Nossa Senhora da Conceição e Santa Maria Egípcíaca. Já à Maria Moura, a referência é tímida e feita uma única vez, mas nem por isso pouco significativa: ela é equiparada

⁴ QUEIROZ, R. de. "A imagem feminina" in *Estado de São Paulo*, 3 jun. 2000.

⁵ *Idem.*

a São Jorge. Maria Moura demonstra, no seu modo de acolher os escravos, fugidos dos seus senhores, e os perseguidos pela justiça, certa ânsia em retratar as injustiças sociais, numa atitude à Robin Wood, uma vez que devolve certa dignidade e confiança àqueles a quem oferece moradia na Casa Forte. Ela nunca tira dos que são pequenos e se gaba disso, de só tomar dos que têm muito: assim não rouba, mas faz justiça.

A escritora Rachel de Queiroz confessa, em entrevista, obsessão em construir mulheres “danadas”, e isso se deve, talvez, ao ressentimento do que não foi, mas gostaria de ter sido. Desta forma, embora rompa com a convenção do feminino em todo o conjunto de sua obra ficcional, ela mesma põe limites a essas conquistas, ou seja, respeita a tradição da qual faz parte, mantendo ainda sua identidade original de dama senhorial. Isso pode ser observado na forma como cada protagonista feminina sua não se sustenta plenamente enquanto conquistadora, vindo a se trair pela sexualidade, ou seja, não se emancipam totalmente enquanto mulheres. Não se realizam afetivamente, são sempre incompletas.

Conceição opta pela solidão, sem que haja nenhuma insistência, por parte de Vicente, para que ela abandone sua decisão. O plano sexual e afetivo não é levado em conta pela Beata Maria do Egito, que prefere não responder às indagações e cobranças do Tenente, assim como desconsidera totalmente o ocorrido entre eles, enquanto momento de entrega e de prazer. Maria Moura nega os seus casos de amor, como se tivesse controle absoluto de sua sexualidade por ser matriarca, mas seu poder é ilusório, visto que não consegue o domínio sobre Cirino, sua grande paixão, levando-a a perder o próprio domínio.

Dessa forma, a inquietação dessas personagens, que não permite a elas se adequarem ao lar e à vida doméstica, permanece teimosamente em cada uma delas, levando Conceição a negar o amor; Beata, a alma; e Maria Moura, sua paixão avassaladora. Esse impedimento mantém-nas aquém de suas emancipações. O projeto de mulher impositiva parece escorregar nesse momento, demonstrando o que Rachel de Queiroz não consegue cumprir e que já vem revelado, de certa forma, nas matriarcas às avessas, mulheres que perpetuam o modelo patriarcal.

Vista assim, Rachel de Queiroz pode ser definida como uma escritora do *status quo*. Mas, de outro lado, deve-se reservar-lhe um lugar especial na história de nossa literatura: a de uma pioneira, a primeira que inaugurou o discurso da mulher escritora, num momento em que a literatura era dominada por homens, e, através do conjunto de sua obra ficcional, conquistou o lugar da protagonista: a mulher nordestina emancipada, com todas as suas contradições. Isso, sem dúvida, deve ser feito. E o momento é oportuno, quando Rachel de Queiroz interrompe sua existência de quase 93 anos. A posição da mulher forte, que marcou o século 20 no Brasil, seguramente uma figura feminina importante a ser lembrada tanto pela sua obra como pelo que representou, abrindo espaço para a mulher na vida brasileira.

BIBLIOGRAFIA

a) Da autora:

- 100 crônicas escolhidas*. 6 ed. São Paulo: Siciliano, 1994.
A Beata Maria do Egito. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
A casa do morro branco. São Paulo: Siciliano, 1999.
A donzela e a Moura Torta. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.
"A imagem feminina" in *Estado de São Paulo*, 3 jun. 2000.
Andira. São Paulo: Siciliano, 1992.
As meninas e outras crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
As terras ásperas. São Paulo: Record/Altaya, 1993.
As três Marias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
Cafute & Pena de Prata. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
Caminho de pedras. 13 ed. São Paulo: Siciliano, 1992.
Cenas brasileiras: crônicas. São Paulo: Ática, 1995.
Dôra, Doralina. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
João Miguel. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
Lampião. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
Memorial de Maria Moura. 5 ed. São Paulo: Siciliano, 1992.
O brasileiro perplexo. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964.
O caçador de tatu. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
O galo de ouro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
O jogador de sinuca e mais historinhas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
O menino mágico. São Paulo: Siciliano, 1997.
O não me deixes – suas histórias e sua cozinha. São Paulo: Siciliano, 2000.
O padrezinho santo. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
O quinze. 64 ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

b) Geral

- ALBUQUERQUE Júnior, D.M. de. (1994). *O engenho anti-moderno: a invenção do nordeste*. Tese de Doutorado, IFCH, Unicamp.
- HOLLANDA, H.B. (1997). "O 'éthos' Rachel" in *Cadernos de literatura brasileira – Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº 4, set., pp. 103-15.